



*REP's - Revista Even. Pedagóg.*

Edição Especial Temática: Análise de Discurso em conceitos e procedimentos

Sinop, v. 13, n. 1 (32. ed.), p. 112-127, jan./maio 2022

ISSN 2236-3165

<https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/index>

DOI: 10.30681/2236-3165

---

## O SUJEITO MULHER DO/NO DISCURSO IMOBILIÁRIO PUBLICITÁRIO NA REGIÃO NORTE DE MATO GROSSO: ontem e hoje<sup>1</sup>

### THE SUBJECT WOMAN WITHIN REAL STATE MARKET DISCOURSE IN THE NORTHERN REGION OF MATO GROSSO STATE: past and present

Luciane Lucyk

#### RESUMO

O presente artigo realiza uma leitura do sujeito mulher veiculada na publicidade imobiliária da microrregião norte do estado de Mato Grosso - Brasil, na época de sua colonização na década de 1970 e na década atual 2020, que coloca e articula distintas condições de produção, o sujeito e a memória como lugar de interpretação do discurso. O recorte da pesquisa se dá através de jornais, revistas e panfletos distribuídos na época da colonização da região norte como publicidade do empreendimento imobiliário, bem como publicidade atual com o objetivo de venda de bens imobiliários veiculada em mídias digitais. O objetivo é compreender, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da Análise do Discurso Materialista Francesa, o processo de constituição do sujeito mulher no espaço urbano (espaço como estrutura física, como um sistema de organização social e um conjunto de atitudes e ideias) em que os sujeitos significam a si mesmos e aos outros, na estrutura e acontecimento da linguagem que movimenta e significa o sujeito de direitos e deveres, ontem e hoje.

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte dos estudos iniciados no Projeto de pesquisa Questões Urbanas em Linguagem (QUeL), da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, campus de SINOP-MT.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. Discurso publicitário. Sujeito mulher.

## ABSTRACT

The presented article performs a reading of the subject “woman” within real state advertisings in the northern microregion of the Mato Grosso state - Brazil, since its colonization in the 1970s until 2019, since it places itself and articulates distincts production conditions, the subject and memory as a place for the discourse interpretation. In light of theoretical-methodological assumptions of the theory of French Materialist Discourse Analysis, the objective is to understand the process of the subject constitution in the urban space which, considering the structure and events of language that moves and signifies the subject of rights and duties.

**Keywords:** Discourse Analysis. Advertising Discourse. Urban Space. Subject “Woman”.

### Correspondência:

**Luciane Lucyk.** Doutoranda em Estudos da Linguagem PPGEL- UFMT. Professora na Secretaria de Estado e Educação de Mato Grosso SEDUC-MT. Sinop, Estado de Mato Grosso, Brasil. E-mail: [lucianelucyk@gmail.com](mailto:lucianelucyk@gmail.com)

Recebido em: 18 de outubro de 2021.

Aprovado em: 24 de março de 2022.

Link/DOI: <https://periodicos.unemat.br/index.php/reps/article/view/6287/4599>

## 1 INTRODUÇÃO

A problemática em torno das mulheres fornece um espaço privilegiado de observação para os estudos da linguagem, pois, está atravessada por processos discursivos que deslocam sentidos já estabilizados historicamente. Esta temática permite desenvolver, em termos teóricos, indagações em torno dos processos de interpelação ideológica que constituem o sujeito do discurso nas suas relações com as práticas de dominação e resistência que (re)significam as relações sociais. Quando se pensa no sujeito mulher logo remete ao feminino. Quando se pensa no espaço, se pensa em território.

No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro. Em suas inúmeras e variadas dimensões: material, cultural, econômica, histórica, etc. o corpo social e o corpo urbano formam um só. (ORLANDI, 2004, p. 11).

Sendo objeto da presente pesquisa o discurso publicitário imobiliário da região Norte de Mato Grosso, a perspectiva de análise parte do corpo enquanto materialidade discursiva: a cidade sendo vendida (território), o espaço de divulgação da/na materialidade discursiva (outdoor, mídias diversas) e o corpo feminino publicado ou silenciado nos recortes das propagandas.

Para tanto, buscou-se conceitos da teoria da análise de discurso materialista histórica baseada nos pressupostos teóricos de Michel Pêcheux, com as obras *Análise Automática do Discurso* (AAD-69) sua tese de doutoramento, *Análise de discurso: três épocas*, *Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio*, *O discurso: Estrutura ou acontecimento*, com objetivo de analisar as condições sócio-históricas de produção e circulação do discurso e questões relacionadas ao sujeito e à ideologia, bem como a contextualização do espaço discursivo. Posteriormente, foi analisado o *corpus* de pesquisa com o recorte de uma propaganda da Colonizadora Sinop da década de 1970 e outras propagandas, da região de Sinop-MT, da década atual.

## **2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS DA ANÁLISE DE DISCURSO MATERIALISTA HISTÓRICA**

A teoria da Análise de Discurso materialista de fundação francesa, doravante AD, ao questionar os modos de produção de leitura, se funda como teoria de entremeio, inscrevendo-se no eixo teórico científico os campos da Linguística, da História e da Psicanálise. Conforme Pêcheux (1997), em que se propõe pelos fundamentos teóricos da Análise de Discurso em 1969, na França, pensar a relação sujeito, língua, história. Visa explorar possibilidades, especialmente analíticas, propiciadas pelas várias teorias consideradas e desejo de compreensão dos processos de produção de sentido na contemporaneidade.

A AD recusa a concepção de linguagem que a reduz a instrumento de comunicação. Não que ela não sirva para comunicar, mas vai além disso, uma relação política. Relação em que os agentes do sistema reconhecem seus lugares sem terem recebido uma ordem, ou mesmo, sem saber que têm um lugar definido no sistema. O processo pelo qual os agentes são colocados em seu lugar é apagado, não vemos senão as aparências externas e as consequências.

Considerando a transparência da linguagem, em que cada palavra designa uma coisa, aquele que é chamado é sempre já-sujeito. Segundo Althusser (1983, p. 91) “A ideologia não existe senão por e para os sujeitos”. Não existe prática senão sob uma ideologia. Todo sujeito é social e pode ser agente de uma prática social enquanto sujeito. A tese de Althusser (1983) baseia-se na categoria de Spinoza de “efeito sem causa” ou finalidade é que “o verdadeiro indica a si mesmo, assim como o falso” e antecipou Marx sobre um ponto específico central do idealismo: o sujeito como origem, essência e causa. Para Althusser (1983, p. 91), “A ideologia não tem exterior a ela”, há diferentes ideologias e diferentes posições ideológicas. Toda teoria é ideológica, toda teoria é provisória. O sujeito para ele é o sujeito da ideologia. Pêcheux (1997, p. 309), baseado em Althusser, se colocou entre o que podemos chamar de “sujeito da linguagem” e “sujeito da ideologia”. Ele trata de discernir as relações entre esses dois sujeitos, ou seja, a “evidência subjetiva” e a “evidência do sentido” e coloca o discurso entre a linguagem (conceito de Saussure) e a ideologia.

Segundo Orlandi (2017, p. 17-21), a AD aborda as condições de produção como a situação em: a) em sentido estrito: as circunstâncias da enunciação; b) em sentido amplo: contexto sócio-histórico ideológico. As questões de sujeito, de acordo com a autora, baseada em Semântica e Discurso de Michel Pêcheux (1995), relaciona o sujeito a projeção sujeito no discurso: a) formações imaginárias – sujeito interlocutor: 1. imagem que o sujeito faz dele mesmo; 2.a imagem que o sujeito faz de seu interlocutor; 3.a imagem que faz do objeto do discurso. A forma-sujeito é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo agente das práticas sociais. A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação do sujeito com a formação discursiva (FD) que o domina.

## **2.1 A questão do sujeito nas três épocas da AD**

A primeira época da análise de discurso: Pêcheux (1997b, p. 309) AD-1 como exploração metodológica da noção de maquinaria discurso-estrutural, os sujeitos como produtores de seus discursos: os sujeitos acreditam que “utilizam seus discursos quando na verdade são seus servos”, assujeitados, seus “suportes”. Uma língua natural, qual somos assujeitados, constitui a base invariante sobre a qual se desdobra uma multiplicidade heterogênea de processos discursivos justapostos. Este processo se dilui após a AD-1 produzindo uma recusa de qualquer metalíngua universal.

Na AD-2 a noção de interdiscurso é introduzida para designar o exterior específico de uma FD (formação discursiva) enquanto, este, irrompe nesta FD para constituí-la em lugar de evidencia discursiva, submetida à lei da repetição estrutural fechada. Resulta que o sujeito do discurso continua sendo concebido como puro efeito de assujeitamento à maquinaria da FD com a qual se identifica.

Na AD-3 Pêcheux (1997b, p. 312) mostra um trabalho de interrogação-negação-desconstrução das noções postas em jogo na AD e mostra alguns fragmentos de construções novas. O procedimento da AD por etapas, com ordem fixa, explode definitivamente, através da desestabilização das garantias sócio-históricas que se supunham assegurar a pertinência teórica de procedimentos de uma construção empírica do corpus refletindo essas garantias. Através de uma interação cumulativa conjugando a alternância de momentos de análise linguística e de momentos de análise discursiva. Esta interação traduz nos procedimentos a preocupação em se levar em conta a incessante desestabilização discursiva do “corpo” das regras sintáticas e das formas “evidentes” de sequencialidade. Ela supõe a reescrita dos traços destas análises parciais no próprio interior do campo discursivo analisado enquanto corpus, acarretando uma reconfiguração deste campo, aberto simultaneamente a uma nova fase de análise linguístico-discursiva: a produção “em espiral” destas reconfigurações do corpus vem escandir o processo, produzindo uma sucessão de interpretações do campo analisado (PECHEUX, 1997c, p. 51).

O desenvolvimento de numerosas pesquisas sobre os encadeamentos intradiscursivos – “interfrásticos” – permite à AD-3 abordar o estudo da construção

dos objetos discursivos e dos acontecimentos e, também, dos “pontos de vista” e “lugares enunciativos no fio discursivo”. Heterogeneidade e as formas linguístico-discursivas do discurso do outro: o discurso outro colocado pelo sujeito ou o discurso do sujeito colocado por outro; o discurso que vai além do sujeito “eu” (PECHEUX, 1997b, p. 313). E, sobretudo muitos pontos de interrogação. Pêcheux realiza na AD-3 questionamentos necessários para dar conta de analisar um discurso como um todo que o produz e o transforma e suas possíveis relações de sentido.

## **2.2 SUJEITO E ESPAÇO: real, simbólico e imaginário**

O conceito de sujeito é um conceito central na Análise de Discurso como pressuposto teórico para análise na presente pesquisa. Como Orlandi (2006, p. 15), “O sujeito da análise de discurso não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso”. Um mesmo indivíduo, em determinadas condições de produção do discurso, assume posições sujeito diferentes.

O sujeito do inconsciente, inspirado em Lacan (real, simbólico e imaginário). Conforme Laplantine (2003, p. 77-79):

O conceito de representação engloba toda a tradução e interpretação mental de uma realidade exterior percebida. A representação está ligada ao processo de abstração e a ideia é uma representação mental que se configura em imagens que temos de uma coisa concreta ou abstrata. Assim, a imagem se constitui como representação configurada da ideia traduzida em conceitos sobre a coisa exterior dada... O imaginário ocupa um lugar na representação, porém ultrapassa a representação intelectual. Os símbolos constituem-se de aspectos formais (significantes) e de conteúdos (significados)...A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e a natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens, de maneira subjetiva ou objetiva, se relacionam com a realidade, atribuindo-lhes significados. Se o imaginário recria e ordena a realidade, encontra-se no campo da interpretação e da representação, ou seja, do real.

O sujeito do inconsciente precede o lugar do simbólico, lugar do outro, distinto do outro, o da relação imaginária que diz respeito ao eu, o sujeito da psicologia social. O significante representa o sujeito para um outro significante, dessa forma Lacan localiza e identifica o sujeito. Os lugares dos sujeitos são considerados como

sede de representações imaginárias determinadas pela estrutura econômica e tidas como escapadiças ao domínio desses sujeitos, “são atravessadas por diferentes divisões e antagonismos sociais que produzem uma variedade de diferentes “posições de sujeito” (HALL, 2005, p. 17).

Procurar a relação sujeito, história e língua em uma relação particular que é a relação de significação. A língua não só reflete e refrata o mundo, mais que isso, instaura mundos socioculturais. Segundo Hall (2005, p. 34) “os homens fazem a história, mas apenas sobe as condições que lhes são dadas”. Nesta perspectiva histórica surgem os seguintes questionamentos:

Como significa o espaço urbano? Que forma significativa é constituída na articulação que faz funcionarem os sujeitos e os sentidos em um espaço determinado que é o espaço urbano?

O espaço (do latim *spatium*) é a extensão que contém a matéria existente, a parte que ocupa um objeto sensível e a capacidade de um terreno. O adjetivo urbano refere-se àquilo que pertence ou que é relativo à cidade (a área de alta densidade populacional cujos habitantes não costumam dedicar-se a tarefas agrícolas). O espaço urbano é o centro populacional e a paisagem própria das cidades. A noção é bastante usada como sinônimo de meio urbano ou área urbana. Pode-se dizer que as características próprias do espaço urbano são o “elevado número de habitantes com alta densidade populacional, a presença de uma grande variedade de infraestruturas e o desenvolvimento dos setores econômicos secundário e terciário” (CORRÊA, 2004, p. 37).

O espaço urbano é o “acontecimento” (Pêcheux, 1997) social. Conforme P. Henry (1997, p. 53) espaço simbólico com “sujeitos” vivendo dentro. Tendo o espaço urbano como objeto, procurou-se compreender processos de significação e relações de sentido que se estabelecem na relação de tempo, espaço e dos sujeitos urbanos.

### **2.3 MICRORREGIÃO NORTE – SINOP**

O estado de Mato Grosso foi dividido geograficamente pelo IBGE em cinco mesorregiões, que por sua vez abrangiam 22 microrregiões, segundo o quadro vigente entre 1989 e 2017, conforme mapa abaixo.

Imagem 1 - Microrregiões de Mato Grosso



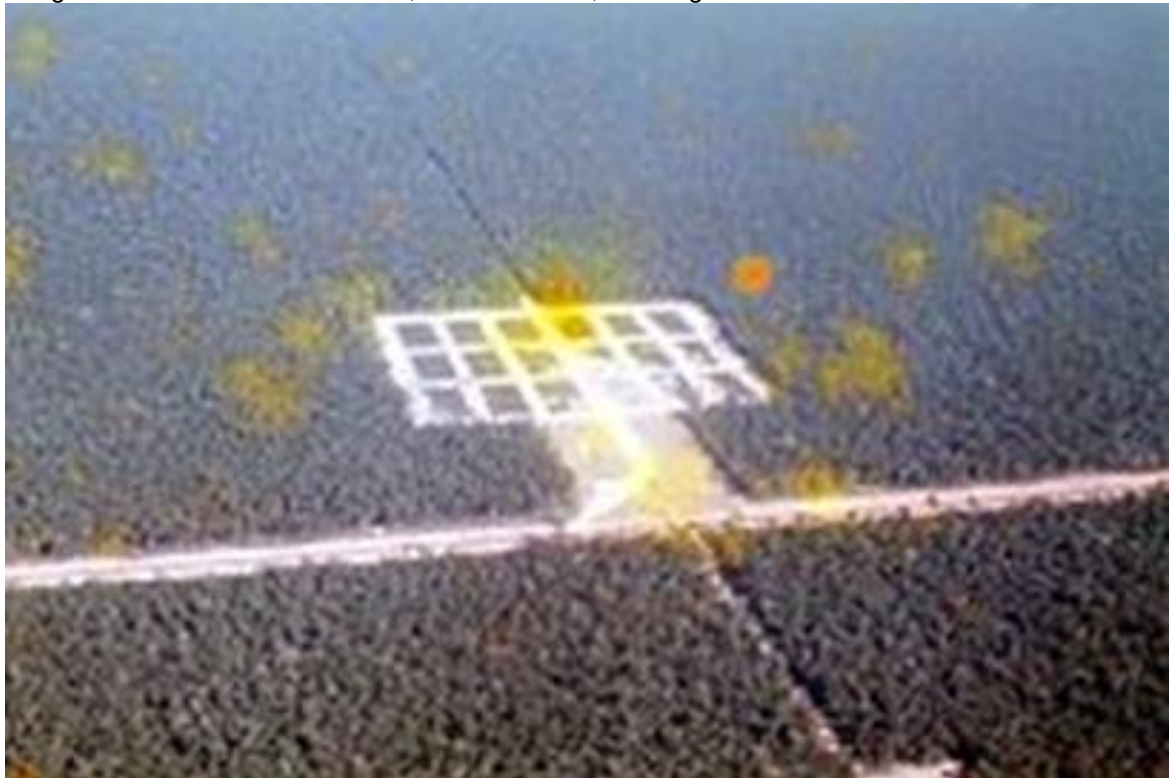
Fonte: Paulo Fanaia, 2017.

O município de Sinop-MT pertence a uma área considerada a microrregião norte do estado de Mato Grosso. Esta microrregião é composta por 9 municípios: Marcelândia, Claudia, Feliz Natal, Vera, Itáuba, Santa Carmem, União do Sul e Nova Santa Helena. Os municípios citados somam um total aproximado de 80.000 habitantes e Sinop tem uma população estimada em 160.000 habitantes. Sinop está entre as cidades que mais crescem no Brasil, sendo atualmente polo de referência na área de saúde e educação em todo o norte mato-grossense.

O processo fundação do município de Sinop se iniciou em 1972, sua área urbana que se localiza numa distância de 500 km de Cuiabá, na BR-163 (Cuiabá-Santarém), pela aquisição de mais de 500 mil hectares de terreno de outras pessoas pela Colonizadora Sinop S.A. e a criação da Gleba Celeste. Conforme imagem abaixo que mostra o assentamento em forma retangular às margens da BR 163, na época não asfaltada e composta por 20 quadras.



Imagem 2 - Assentamento SINOP, Julho de 1973, às margens da BR-163



Fonte: Foto aérea Acervo Fotográfico Ten. Cel. Jaime Ribeiro.

As primeiras ruas de Sinop começaram a ser abertas em maio de 1972 e as primeiras famílias de pioneiros que vieram à cidade eram provenientes, em sua maioria do estado do Paraná. Naquele momento, o tempo de demora do viajante entre o interior do Paraná e Sinop era superior a 7 dias. Porém, embora isso fosse muito difícil, crescia a migração direcionada para Oeste, pela qual era acompanhada a fronteira agrícola que adentrava o Norte de MT. No dia em que foi fundada, em 14 de setembro de 1974, a cidade de Sinop tinha cerca de 20 quadras. Em menos de dois anos mais tarde, em 24 de julho de 1976, a Lei 3.754/76 foi assinada pelo então governador José Garcia Neto, declarando Sinop elevada à categoria de distrito municipal de Chapada dos Guimarães. No dia 17 de dezembro de 1979, a Lei 4.156/79 foi assinada pelo governador Frederico Campos, declarando Sinop elevada à categoria de município.

Em 1974 não se imaginava que, em menos de três décadas mais tarde, a estimativa da população era de aproximadamente 100 mil habitantes e, segundo dados de 2021, passa de 140 mil habitantes. Uma cidade que hoje é polo de

referência no Norte de Mato Grosso, no que concerne aos aspectos médicos e hospitalares, educacionais, industriais, comerciais, recreativos e demais áreas.

O principal destaque econômico de Sinop e da região é a agropecuária, tanto que o município está inserido na fronteira agrícola Amazônica. Há destaque também na agroindústria e como polo comercial regional de atacado e varejo.

## 2.4 A PROPAGANDA IMOBILIÁRIA NA DÉCADA DE 70 E NA CONTEMPORANEIDADE: EFEITOS DE SENTIDO POSSÍVEIS

Para análise no presente artigo buscou-se o discurso publicitário, como prática social produtora de sentidos, de uma propaganda imobiliária da década de 70, veiculada em revistas e distribuída na região Sul do Brasil. As matérias jornalísticas promovidas pela empresa Colonizadora SINOP S.A., nas mídias locais e nacionais, no início da colonização da Gleba Celeste, configuraram-se como um espaço de legitimação de seu projeto de colonização privada, divulgando notícias com a intenção de atrair famílias para a região.

Imagem 3 - Propaganda da década de 70



Fonte: Grupo SINOP S/A, s.d.

No contexto de colonização, observado na imagem 3, a cidade foi textualizada, para produzir sentidos, em que os sentidos de um projeto de ocupação territorial no interior brasileiro, de uma proposta político-econômica federal de remanejamento de mão-de-obra, de uma urbanização de modo a representar a distribuição entre os setores urbanos distribuídos em suas zonas: zona residencial, zona industrial, zona comercial, se fizeram presentes no próprio mapa da cidade. Como afirma Oliveira e Tomé (2016, p. 856) “Não havia lugar para desocupados”. A pretensão era atrair famílias tradicionais<sup>2</sup>, trabalhadores provenientes da região sul do Brasil. Para este propósito vendia sonhos de um futuro promissor como destaca a materialidade *nos caminhos do futuro*.

A expressão *garantindo o seu futuro*, remete as dificuldades enfrentadas na década de 70 para garantia de vida próspera. Tal discurso pretendia atingir a posição sujeito pai de família, trabalhador, disposto a enfrentar adversidades como distância de grandes centros, doenças e falta de recursos, para garantir o futuro de sua família. Aos que persistiram e lutaram contra as adversidades, após décadas de trabalho, em sua maioria, prosperaram.

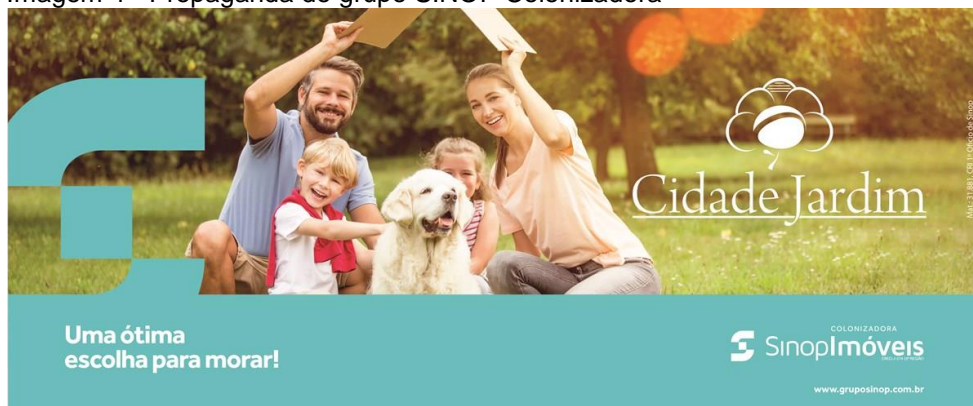
A redação publicitária do folder foi destinada principalmente ao homem agricultor pai-de-família (riqueza e posse da terra, garantia de futuro, família) com um roteiro de todos os interesses diretos que rodeiam o cotidiano do agricultor, mas que representação do feminino só aparece dentro do conceito de família tradicional. Não aparecem outros sujeitos femininos do contexto da época como mulheres solteiras (entre outras profissões, destaca-se, na época, a prostituição) que também vieram para a região em busca de um futuro melhor, próspero. Representação do feminino era na posição sujeito professora, outras profissões advindas com a colonização foram silenciadas, como exemplo as prostitutas. Conforme Orlandi (2007, p. 31) “o silêncio não fala. O silêncio é. Ele significa. Ou melhor: no silêncio o sentido é”. Silenciados também outros trabalhadores, como os prestadores de serviços braçais e outras profissões não prestigiadas, que corroboraram para o crescimento populacional e econômico do município.

Publicidade Contemporânea no setor imobiliário de Sinop:

---

<sup>2</sup> Tem-se como conceito de família tradicional a formação Pai, mãe e filhos, geralmente filhos um casal, um menino e uma menina. Esta é a representação mais comum da dita família tradicional.

Imagem 4 - Propaganda do grupo SINOP Colonizadora



Fonte: Grupo SINOP S/A, s.d. Fonte: Grupo SINOP S/A, s.d.

Imagem 5 - Propaganda do grupo SINOP Colonizadora



Fonte: Grupo SINOP S/A, s.d.

Imagem 6 - Propaganda do grupo SINOP Colonizadora



Fonte: Grupo SINOP S/A, s.d.

Imagem 7 - Propaganda do grupo SINOP Colonizadora



Fonte: Grupo SINOP S/A, s.d.

Imagem 8 - Propaganda do grupo SINOP Colonizadora



Fonte: Grupo SINOP S/A, s.d.

Henry (1997, p. 51-52) nos explica que ao estudar os “fatos vividos”, os estudamos enquanto produtores de sentidos. Assim,

[...] não há “fato” ou “evento” histórico que não faça sentido, que não peça interpretação, que não reclame que lhe achemos causas e conseqüências. É nisso que consiste para nós a história; nesse fazer sentido, mesmo que possamos divergir sobre esse sentido em cada caso.

Uma reformulação dos sentidos sobre o espaço urbano está em construção. Formular é dar corpo aos sentidos (ORLANDI, 2001) e a nova proposta de integração entre o homem e a natureza. O que se observa nas propagandas da década atual, a integração com a natureza, desta fazendo parte com algo para lazer, prazer, qualidade de vida. Diferentemente da propaganda da imagem 1 que remete a elementos da natureza como algo a desbravar, sinônimo de progresso.

Para que se possa explicitar os mecanismos discursivos regionais, é necessário observar o processo de constituição do sujeito “que é um lugar de significação historicamente construído” (ORLANDI, 2007, p. 37). Assim, “o sentido não é fixado a priori como essência das palavras, nem tampouco pode ser qualquer um, há uma determinação histórica. Ainda um entremeio” (ORLANDI, 2007, p. 27). O sujeito leitor da propaganda contemporânea também é o mesmo da propaganda da década de 70, pai de família buscando a realização do sonho. Este efeito de sentido

é observado na escolha das personagens das propagandas da década atual: família tradicional. A diferença é que atualmente o sujeito já é morador da região, não enfrenta mais as adversidades de antigamente como distância de grandes centros e falta de assistência à saúde. O sujeito que busca, no espaço urbano, tranquilidade e lazer junto à família. A propaganda convida a pretendida produção de sentido que se dá pelo efeito de felicidade e realização junto à natureza.

Na década atual o sujeito mulher aparece, mas continua sendo silenciado em suas outras formas que não a da família tradicional. A propagandas imobiliárias não se dirigem a outros sujeitos senão aqueles da família tradicional.

O sentido é assim uma relação determinada do sujeito – afetado pela língua – com a história. A interpretação é a marca da subjetividade que se realiza na relação do sujeito com a língua, com a história e com os sentidos, remetendo à exterioridade, porque não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. A materialidade *Uma ótima escolha para morar!* e *Novos horizontes para seus sonhos!*, dialoga com a propaganda da década de 70 em que o sujeito busca realização do sonho e bem estar para sua família.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O processo de constituição do sujeito no espaço urbano, veiculada através da publicidade apresentada nesta pesquisa configura o discurso publicitário enquanto prática social é um acontecimento que influencia as práticas do sujeito social de direitos e deveres. Faz parte do funcionamento imaginário de uma época que capta, transforma e divulga acontecimentos, legitima, enquanto passado, a leitura destes mesmos fatos do presente, no futuro.

Portanto, o sujeito masculino do passado é o mesmo do presente. Não é “qualquer sujeito”, é o pai de família (tradicional: pai, mãe, filho, avô), que busca a realização do sonho para si e sua família, que busca no espaço urbano a tranquilidade e lazer. O sujeito feminino que é silenciado na década de 70 aparece nas propagandas da década atual, mas somente no padrão aceito socialmente (família tradicional), ou seja, os demais sujeitos femininos também são silenciados. E este silenciamento significa exclusão de uma minoria que busca seu espaço, tanto o espaço território como o espaço social.

## REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos do estado**. São Paulo: Graal, 1983.
- ARRIVÉ, Michel. **Linguística e Psicanálise**: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros. 2. ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso**. 5. ed. Campinas: Editora Unicamp, 1996.
- COLONIZADORA SINOP lança zona Residencial 03. **Jornal Hoje**, 15 nov./15 dez. 1992.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.
- FANAIA, Paulo. **Geografia de Mato Grosso**. Disponível em:  
<https://pt.slideshare.net/benjoinohistoria/geografia-de-mato-grosso-reviso-geral>.  
Acesso em: 17 jul. 2017.
- FICHANT, Michel; PÊCHEUX, Michel. **Sobre a História das Ciências**. Lisboa: Editorial Estampa, 1971.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HENRY, Paul Os fundamento teóricos da “análise automática do discurso” de Michel Pêcheux(1969). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 11-38.
- HENRY, Paul. A História não existe? *In*: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). **Gestos de Leitura**: da História no Discurso. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 29-53.
- LAPLANTINE, François. TRINDADE, Liana Sálvia. **O que é imaginário**. São Paulo, Brasiliense, 2003.
- OLIVEIRA, Tânia Pitombo de; TOMÉ, Cristinne Leus. **O jornal ‘O Sinopeano’ e o processo de identificação do sujeito sinopense durante a colonização da região norte mato-grossense da década de 70 do século XX**. *In*: Congresso Internacional de Língua Portuguesa: experiências culturais e linguístico-literárias contemporâneas, 1, 2016, Santiago do Chile. Anais. Santiago do Chile: Universidade de Santiago do Chile, 2016.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e Textualidade**. 3. ed. Campinas: Pontes, 2017.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

ORLANDI, Eni. **Cidade dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. Campinas: Pontes, 2006.

PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997a. p. 59-158.

PÊCHEUX, Michel. Análise de discurso: três épocas. *In*: GADET, Françoise; HAK, Tony (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997b. p. 307-314.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: Estrutura ou acontecimento. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997c.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica a afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SINOP. Assecom: Claudia Lazarotto. Notícias. **Sustentabilidade**: Carta de Sinop poderá ser apresentada aos parlamentares mundiais na Rio+20. Sinop, 27 abr. 2012. Disponível em: <<http://www.sinop.mt.gov.br/Mais-Noticias/2490/>>. Acesso em: 20 abr. 2015.

SÁNCHEZ GARCIA, F. A reinvenção das cidades na virada de século. Agentes, estratégias e escalas de ação política. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, n. 16, p. 31-49, jun. 2001.